

UMA LENDA: "JANGOTA PEREIRA"

Meu avô materno foi uma lenda viva em toda a Fronteira Oeste. Nasceu no dia 30 de julho de 1888 na fazenda "do Buracal" entre o município de Alegrete e Rosário do Sul, nas dobras da Serra do Caverá.

Filho de Manoel Severino Pereira da Costa, oriundo de Lavras do Sul, filho de proprietários de minas de ouro esgotadas que rumaram para a fronteira em busca de uma vida melhor, que era casado com Vitalina Rufino Pereira da Costa.

Conta a lenda que minha bisavó que já tinha várias filhas perdia todos os filhos varões logo após o parto. Um velha índia teria-lhe ensinado uma simpatia: Quando o próximo filho varão nascesse teria de dar-lhe um banho de cacimba. Meu avô nasceu no forte do inverno e vindo a luz, foi levado a uma cacimba que distava da casa da fazenda, sendo que pela manhã quebrou-se o gelo que espelhava a superfície da água. Meu avô, bebê recém nascido, foi enfiado na água gelada e temperado, como aço, para o resto de sua vida, quando demonstrou de sobejo esta têmpera.

Casou com a pouca idade de 18 anos com Zulmira Carneiro da Fontoura, filha de Valentim Carneiro da Fontoura, família nobre oriunda de Dom Pedrito, e que por herança do pai recebeu entre Rosário e Alegrete a fazenda "Vista Alegre", com 70 quadras de sesmaria e uma chusma de escravos que tinha inclusive um negro reprodutor (como chamavam na época) casado com Francisca Elisa Carvalho Carneiro da Fontoura, nascida na cidade de Salto, no Uruguai.

Recém casado dedicou-se no seu começo ao plantio do tabaco mas logo abandonando a cultura para dedicar-se ao que o caracterizou para o resto de sua vida: tropeiro.

Nascera assim a lenda da fronteira oeste: JANGOTA PEREIRA , O PATRIARCA DO GAUCHISMO !! Como intitulou-o a Gazeta de Alegrete, o jornal mais antigo do Rio Grande do Sul, em edição comemorativa a passagem de aniversário de sua morte.

Fazia tropas de mulas para vendê-las aos "birivas" (nomes que os gaúchos atribuíam aos "gringos" italianos) da serra, que depois as comerciavam com os paulistas, para o transporte das cargas de São Paulo para o Rio Grande do Sul e para o Rio de Janeiro, porquê na época inexistiam automóveis e as linhas de trem eram deficitárias. Somente o comércio litorâneo era feito por navios sendo que o tráfego interno era feito através de tropas de carga tracionadas pelas famosas mulas (cruza híbrida de égua com burro).

Na época da segunda guerra mundial, em razão do abastecimento do teatro de operações na Europa, na África e na Ásia, os ingleses instalaram-se em Rosário do Sul, com a Cia. Swift-Armour, que montara um grande frigorífico que enlatava carnes para o teatro de operações.

Meu avô, homem correto e muito honesto, conhecido de todos, recebia tropas em consignação, que ultrapassavam mais de 3000 cabeças de gado, por vêz, e as conduzia de todos os rincões da Fronteira Oeste para os matadouros de Rosário.

Foi assim, a pata de cavalo, começando entre as escaramuças de chimangos e maragatos, conduzindo tropas, tendo inclusive um "salvo conduto" perante Honório Lemes, o Leão do Caverá, que iniciou uma fortuna que transformou em mais de 150 quadras de sesmaria, três léguas de campo, distribuídas entre várias fazendas, que atendia pessoalmente até propecta idade.

Morreu aos oitenta e sete (87) anos de idade e ainda andava a cavalo tendo distribuído sua fortuna em vida, por três vezes, fazendo a "Reforma Agrária em Família", como dizia, começando sempre novamente do quase nada, "enricava" de novo, dando exemplo de tirocínio nos negócios.

Seu interesse pelos negócios privados não o desviava de sua atividade social e seus compromissos para com a sociedade em que vivia, participando das Sociedades e Sindicatos e Associações, escrevendo nos jornais da Gazeta, do Correio do Povo e inclusive na Zero Hora Rural, contribuindo sempre com sua opinião de homem prático do campo, embora não tivesse concluído o primário, sendo assim, um autodidata.

Eis o talho de uma vida feita com perseverança, que vencendo as desvantagens da civilização e do tempo, levou-o a tornar-se uma figura lendária, como homem campeiro, conhecedor das lides do campo, amigo dos peões e capatazes, a quem sempre estimulava com sua simplicidade e exemplo no trabalho.

Foi êle, pela primeira vez, que implantou no Rio Grande do Sul, a cruza do zebu com a raça Durham, obtendo um tipo genético semelhante a raça "Santa Gertrudes" que foi posteriormente estabelecida pelo King Ranch, no Texas. Em sua honra, postumamente, foi instituído um prêmio cognominado "Jangota Pereira" para touros rústicos criados à campo, que foi como um prêmio Nobel para os criadores da Fronteira Oeste e os Missioneiros.

Deixou uma linhagem de 9 filhos, 43 netos e mais de uma centena de bisnetos entre eles, alguns destacados no ramos da criação: Como Manoel Getúlio Fontoura Pereira, Luis Antônio Pereira Rodrigues , Luis Odilon Pereira Rodrigues, criador muito premiado e várias vêzes entrevistado pela ZH e ainda seu irmão, já falecido, João Carlos Pereira Rodrigues, grande criador conhecido no Brasil e no Mundo, pela sua célebre "Marca de Casco", todos expositores em Esteio. Hoje, grande parte da família dedica-se ainda a pecuária de corte e a agricultura, como diversificação, apesar da época de crise.

Este homem, que foi e é uma lenda ainda viva, em todos os rincões da Fronteira, onde se contam causos sobre o mesmo nas rodas de galpão e nos bolichos, do Parové, do Queromana, do Touro Passo, do Caverá, do Guaçú Boi, do Inhanduí, e de tantos nomes lendários do país dos gaúchos, que dão testemunho, sobre sua coragem, tenacidade, persistência, conhecimento das lides e pelo seu entusiasmo pelo trabalho que até hoje é lembrado em causos e xistes populares.

E para dizer que não minto sozinho dou de testigo duas direções para que comprovem estas histórias da vida: O "Barão de Catutinha", poeta do Alegrete, cognome do Hélio Ricciardi, diretor-presidente da vetusta "Gazeta do Alegrete" e o "biriva", com todo o respeito, Presidente da Farsul, cujo pai, em tempos antigos, comprou muita mula do meu avô: JANGOTA PEREIRA !

EIS O NOME DA LENDA !

Quem lhes conta o causo é o neto "cola fina de cidade", um sujeito maturrango, nascido "nas capital", mas morador "do Alegrete", que de baixo dos sarandis, nas barrancas do Ibirapuitã, tomou muito gole d'água, no Porto dos Aguateiros. Assim fico a disposição prá qualquer prosa à respeito, meu nome Sérgio Augusto Pereira de Borja, muito conhecido também como, Sérgio Borja.

FOTOS: I - Jangota Pereira, à direita, cumprimentado pelo Prefeito de Alegrete, Adão Houaek, centro, recém falecido, em solenidade em sua homenagem, tendo atrás, a esquerda, o general Nilton Maciel, ex-ajudante de ordens do General Euclides Figueiredo, pai do Gen.Figueiredo, e que em 1932 chefiou a revolução constitucionalista em São Paulo.

II - Jangota Pereira, sentado, de botas, com a família, ao lado de sua irmã mais velha, na estrema direita, Dna. Rosinha, que na data, estava comemorando 95 anos de idade.

Existe, ainda, preservada, um pedaço de uma fita, em que o mesmo declama versos sobre o "Ponche Verde", numa festa de aniversário, na sua fazenda do Queromana.

O Pai da Cadica, mulher do Borguetinho, cuja irmã está na foto familiar, era sobrinho de Jangota Pereira, assim como muitas centenas de gaúchos espriados por este Brasil e pelo mundo.

REELESE PARA PUBLICAÇÃO -